Momento Presidiário: um programa radiofônico sob o olhar da Folkcomunicação[1]

Igor Moura Danieleviz e SILVA[2]
Rafael Rodrigues Lourenço MARQUES [3]
Universidade de Cuiabá – UNIC, Cuiabá, MT

RESUMO

Este trabalho apresenta os primeiros passos de uma investigação, que analisa como é estabelecido o processo comunicativo entre os familiares e público externo dos presídios, por meio do programa *Momento Presidiário* apresentado diariamente pelo Pastor Edmar, na Rede Aleluia em Cuiabá. Dessa forma, descreve as características da comunicação mediante os conceitos da Folkcomunicação. A verificação acontece por meio de uma pesquisa etnográfica junto às variáveis que modificam o ambiente e interferem na transmissão entre o locutor e os receptores da mensagem.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Rádio; Grupos marginalizados.

INTRODUÇÃO

Os mais diferentes grupos sociais têm obtido participação cada vez maior no processo comunicacional contemporâneo, atribuído as manifestações da sua forma de ver o mundo por meio dos mais diversos suportes. No entanto, o comportamento desses grupos, ainda é ignorado por muitas camadas da sociedade, que impossibilita a comunicação e a comunhão entre Governo, elite e massa.

[1] Trabalho apresentado no GT 1 **–** Folkcomunicação Teoria e Metodologia; Gêneros e Formatos da XIV Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Juiz de Fora-MG, 04 a 07 de maio de 2011.

[2] Acadêmico do 7º período do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da faculdade de Comunicação Social – FACS – da Universidade de Cuiabá – UNIC –, Cuiabá-MT. E-mail: danieleviz.igor@gmail.com.

[3] Orientador do trabalho. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Graduado em Comunicação Social – habilitação Jornalismo (UFMT). Professor Docente e Vice Coordenador do Grupo de Pesquisas EDUCOM, da Faculdade de Comunicação – FACS – da Universidade de Cuiabá – UNIC –, Cuiabá-MT. E-mail: rafael_jornal@yahoo.com.br

É sabido que o jogo das relações de poder ainda estabelece hierarquias, que dão maior visibilidade a fluxos discursivos de grupos economicamente mais favorecidos. Valendo-se das formas tradicionais de expressão, indivíduos marginalizados ficam privados dos meios e veículos de maior extensão, reservado às camadas privilegiadas.

Estes veículos são ligados aos grandes grupos econômicos, com sua lógica massiva, caracterizados como avatares deste processo, seguindo uma dinâmica da audiência para justificar a hegemonia de determinados saberes em nossa sociedade. Neste contexto que se apresenta, encontram-se exceções, quando o rádio torna-se uma ferramenta fundamental para a difusão dos programas pouco conhecidos, como aqueles destinados aos presidiários.

Portanto, esta pesquisa visa entender como é estabelecida a comunicação do programa *Momento Presidiário* destinado a população carcerária do Estado de Mato Grosso, transmitido diariamente por meio da Rede Aleluia em Cuiabá. Além de compreender as ligações teóricas da Folkcomunicação com a dinâmica do programa, identificando as premissas de Luiz Beltrão, autor desta teoria.

Contra uma estratégia hegemônica das classes subalternas, a Folkcomunicação torna-se cada vez mais importante para estudar os fenômenos, que instanciam relações mediadoras entre a cultura de massa e a cultura popular. Formando fluxos bidirecionais da comunicação e com características de hibridação simbólica dos seus envolvidos.

Ainda partindo deste pressuposto, o presente trabalho – que se trata da primeira etapa referente ao trabalho de uma investigação para o trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade de Cuiabá (Unic) – tem por objetivo estudar como ocorre o método comunicativo por meio de uma discrição dos mecanismos que o possibilitam.

O objetivo é avaliar se o programa também influencia na comunicação entre os presidiários, familiares e pessoas que estão do lado de fora das penitenciárias. Investigar como é a comunicação entre receptor e emissor da mensagem. Além de delinear quais as características do formato e da estrutura do programa, para a inserção do rádio dentro das unidades prisionais no Estado.

> Estabelecimentos Penais: São todos aqueles utilizados pela Justiça com a finalidade de alojar pessoas presas, quer provisórios quer condenado, ou ainda aqueles que estejam submetidos à medida de segurança; Penitenciária são estabelecimentos penais destinados ao recolhimento de pessoas presas com condenação à pena privativa de liberdade em regime fechado; Penitenciárias de Segurança Máxima Especial: estabelecimentos penais destinados a abrigar pessoas presas com condenação em regime fechado, dotados exclusivamente de celas individuais; Penitenciárias de Segurança Média ou Máxima: estabelecimentos penais destinados a abrigar pessoas presas com condenação em regime fechado, dotados de celas individuais e coletivas;Colônias Agrícolas, Industriais ou Similares: estabelecimentos penais destinados a abrigar pessoas presas que cumprem pena em regime semi-aberto (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2008, p. 01).

Atualmente, para entrar com qualquer meio eletrônico nos presídios é preciso seguir normas, que variam de uma instituição para outra, além das legislações. De acordo com a Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940 do Código Penal, o preso poderá ter acesso à leitura e outros meios de comunicação adquiridos por conta própria ou por meio de visitas, que serão submetidos a vistorias de acordo com a direção da unidade prisional.

O uso de aparelho de rádio pode ser permitido com uma autorização escrita expedida pela direção da unidade local, que irá também definir como os presos vão utilizar o rádio dentro das instalações do presídio. A lei prevê que o objeto (o rádio) seja de porte pequeno a fim de facilitar a revista realizada pelos agentes prisionais. É feito um registro do aparelho que é arquivado no livro de registros e o preso precisa respeitar o limite de volume para não atormentar outros detentos.

A Lei mais recente do Código Penal do Brasil nº 12.012 de 06 de agosto de 2009 permite o preso ingressar com o celular, rádio ou similar apenas com autorização legal do estabelecimento prisional. A lei é válida para qualquer pessoa que tentar adentrar um presídio com o eletrônico e a pena é detenção de três meses a um ano.

Os grupos urbanos marginalizados são indivíduos inferiores e com mínimo de condições de acesso. Portanto, é preciso ampliar os estudos da comunicação desses indivíduos (os presidiários), pois estes também fazem parte da sociedade, mas encontram-se restritos aos veículos e programas de exibição circular.

Nessa perspectiva, a Folkcomunicação, como processo de intercâmbio de informações, possibilita aos agentes e meios ligados direta ou indiretamente a cultura desse grupo marginalizado, de que exerçam uma comunicação intermediada por

camadas mais populares da nossa sociedade. Como ocorre no programa *Momento Presidiário*, conseguindo atingir o seu principal ouvinte (receptor), o preso.

O programa como referido neste artigo, permite que uma parcela marginalizada da nossa sociedade faça uso de um sistema de comunicação próprio, a parte do sistema de comunicação de massa. Parte-se da definição de um produto de uma atividade artesanal realizada pelo agente comunicador, função que o Pastor Edimar exerce ao apresentar o programa.

Assim, esse veículo rudimentar destinado aos segmentos à margem da nossa sociedade, possibilita que as manifestações desses grupos sociais se expandem, se socializam e convivem com outras cadeias comunicacionais. Não os abstendo das modificações por influência da comunicação massiva e industrializada, porém os apropriando para lidar com tais complexos do processo de difusão.

A CULTURA DE MASSA E O PRINCÍPIO DA FOLKCOMUNICAÇÃO

Nos últimos 40 anos, quando a Folkcomunicação começou a ser estudada, presenciou-se verdadeira explosão da informação, disponibilizando grande quantidade de veículos de comunicação. No entanto, a informação tornou-se mercadoria destinada a pessoas inseridas no contexto de cultura de massa. Dessa maneira, alguns veículos adotam novas regras para a inserção de grupos sociais marginalizados.

Para entender a Folkcomunicação é preciso considerar que em qualquer sociedade existe um sistema de comunicação. Ou seja, um sistema embasado em um código comum. A comunicação é a troca de informações possibilitada por meio de imagens, símbolos ou mensagens. Portanto, quando integrantes de um grupo se comunicam em um determinado local, eles se utilizam desses elementos, que formam o código: a língua.

No entanto, outros fatores contribuem para a união desse grupo social, como a cultura em que está inserido. Toda cultura, portanto, é uma estrutura de comunicação, que só pode ser compreendida pela decifração de um código.

> Mas a estrutura tem duas faces: uma explícita (de sentido sócio-antropo-etnográfico, ou os ditos fenômenos culturais comuns) e outra implícita (as regras formais de comunicação, que compõem o código. Fica evidente que o conhecimento do código não esgota a cultura. Além do mais, os fenômenos explícitos reagem constantemente em retorno sobre as regras implícitas, chegando às vezes a transformá-las. (SODRÉ, 1972, p. 12).

Com o suporte tecnológico instaurou-se um novo sistema de comunicação, mais moderno atribuído a comunicação de *media*. Quando ocorre a multiplicação dos veículos – o jornal, a revista, o filme, a televisão e o rádio, decorrente do avanço da urbanização, formação de públicos e necessidades de lazer. A chamada cultura de massa.

Nesse sentido, a cultura é articulada ao sistema social e possibilita a troca de mensagem entre os homens ou entre os homens e o meio, a natureza em que a mensagem está inserida, gerando um processo comunicativo transformador e assimilador. A cultura é, portanto, um sistema mediador de circulação e análise do individuo.

A partir da década de 1940, pensadores e pesquisadores sociais começam a relativizar a comunicação e a cultura de massa em estudos. Pois era preciso entender quais eram as conseqüências socioculturais das mensagens transmitidas por canais, devido o grande poder de alcance e reprodução, seja no meio impresso, televisivo radiofônico ou virtual.

Passe-se a considerar "[...] o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, idéias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore." (BELTRÃO, 2001, p.79).

A ORIGEM DA FOLKCOMUNICAÇÃO

Luiz Beltrão usou o termo Folclore como meio de comunicação pela primeira vez, em um artigo escrito para a revista Comunicação & Problemas, em 1965. A publicação foi a base para a elaboração posterior do conceito de Folkcomunicação.

No texto, ele examina uma série de manifestações *artísticas e folclóricas* e é através delas que "[...] surgem, vão tomando forma, cristalizando-se as idéias motrizes capazes de, em dado instante e sob certo estímulo, levar aquela massa aparentemente dissociada e apática a uma ação uniforme e eficaz." (BELTRÃO, 1965, p.9-10).

O termo Folkcomunicação, porém, surge por meio dos estudos de Beltrão com sua tese de doutorado só em 1967. O autor estudou os ensinamentos do pesquisador estadunidense Paul Lazarsrfeld, integrante da chamada Escola de Chicago, que definia o processo de comunicação coletiva em duas etapas: entre o comunicador e o líder de opinião e entre o líder de opinião e o receptor comum, em oposição à teoria hipodérmica, ou teoria da Bala Mágica, primeiro esforço teórico que deu origem a communication research, ou longa tradição dos estudos em comunicação. (WOLF, 2001).

De acordo com o paradigma de L "two steps flow of communications" de Lazarsfeld entende-se que em qualquer grupo existem indivíduos com contato maior com a comunicação e direcionam a comunicação interna do grupo. Lazarsfeld firmou as pesquisas de opinião pública em 1941, quando ele publicou o livro People's choice (Lazarsfeld, Berelson e Gaudet), que estuda as variações do comportamento dos eleitores na eleição presidencial daquela década.

Conforme Wolf (2001) em seu livro Teorias da Comunicação, o modelo que demonstra a oposição entre a lógica de comunicação em dois tempos, ou Two step Flow e a teoria hipodérmica assim se configura:

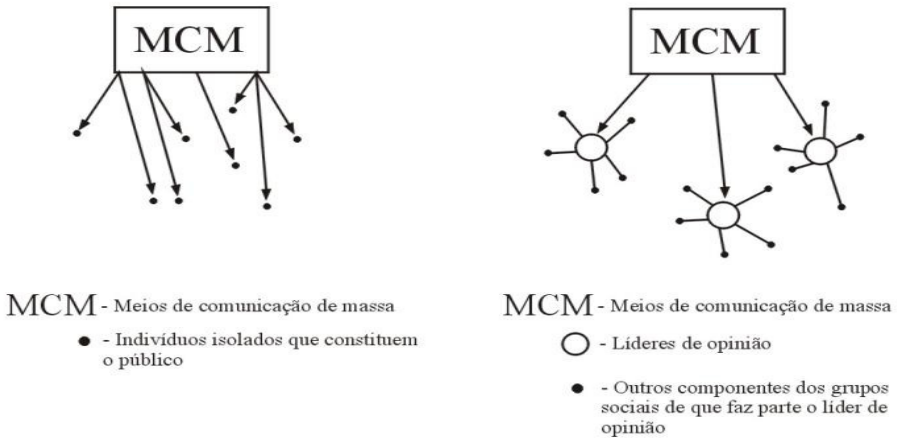

Ilustração 1 Representação do modelo Two Step Flow, ou comunicação em dois tempos. (WOLF, 2001, p. 21).

A partir desses estudos eles concluíram que as mensagens repetitivas contribuíam para que os eleitores decidissem o voto. Pois durante o processo de emissão e recepção da mensagem houve a participação de um líder de opinião.

Este indivíduo, o mediador ou folkcomunicador exerce a função de criar maneiras de proporcionar qualidade de vida a uma comunidade. Mantém o contato com a realidade globalizada e transmite à sua comunidade informações de um mundo não acessível.

Quando se fala em Folkcomunicação, refere-se a um processo, em intercâmbio de informações, de interação entre as culturas folk (popular) com a cultura de massa (industrial). A teoria dá foco aos procedimentos pelos quais as manifestações comunicacionais do folclore se socializam com outros agentes e sofre modificações por influência da comunicação massificada e industrializada. Trata-se de um processo de hibridização cultural.

> O popular é nessa história o excluído: aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado; os artesãos que não chegam a ser artistas, a individualizar-se, nem a participar do mercado de bens simbólicos "legítimos"; os espectadores dos meios massivos que ficam de fora das universidades e dos museus, "incapazes" de ler e olhar a alta cultura porque desconhecem a história dos saberes e estilos. (CANCLINI, 1997, p. 205).

O objetivo da Folkcomunicação, definida por muitos autores como uma disciplina da ciência da Comunicação, objetiva resgatar e interpretar a relação entre a cultura popular e a difusão da comunicação de massa.

Conforme Marques de Melo (2008, p.17) "[...] a Folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural".

Em suas primeiras análises, Beltrão percebeu que os veículos de comunicação populares ou de Folkcomunicação, assim denominado por ele, eram "retransmissores ou redecoficadores" das mensagens encontradas em jornais, revistas, rádios e televisão. No entanto, esse processo é realizado por segmentos mais populares e mais abastado da sociedade.

> Em função disso, os discípulos de Luiz Beltrão descortinaram a Folkmídia. Ampliaram o raio de observação dos fenômenos folkcomunicacionais, não se limitaram a analisar os processos de recodificação popular das mensagens da cultura massiva, mas também rastreando os processos inversos, de natureza folkmidiática, ou seja, pesquisando a apropriação de bens da cultura popular pela indústria cultural (tanto os meios de comunicação quantos os aparatos de lazer massivo, principalmente o turmiso). (MARQUES DE MELO, 2008, p. 18).

Os fenômenos da comunicação popular como gêneros *folkcomunicacionais* podem ser classificados em oral, musical, escrita, icônica e cinética. Eles se diferem pelo conjunto de manifestações simbólicas determinada pelo canal em que estão inseridos e pela audiência. O programa Momento Presidiário é caracterizado pela Folkcomunicação oral, que engloba canto, música, prosa, verso, colóquio, rumor, tagarelice, zombaria, passatempo, reza.

Tal caracterização é permitida pelo formato em que a comunicação ocorre entre os familiares emissores da mensagem, durante o programa *Momento Presidiário*, para os presos que estão nas penitenciárias. Pois é por meio da linguagem oral, que existe a estratégia de difusão simbólica e intencional do emissor.

Não podendo esquecer que esta ação também é mesclada pelo formato *Colóquio* da Folkcomunicação, pois são tipos de conversas ou diálogos que se iniciam por meio do programa e se findam quando o preso recebe a informação, estabelecendo assim o processo de comunicação intermediado.

Nesse caso, o líder de opinião redefine a mensagem captada pelos meios de comunicação de massa. Pois é ele quem tem o primeiro acesso a informação. Ele é considerado um folkcomunicador, que recodifica e reinterpreta a informação mediante os valores comunitários transferidos ao veículo de comunicação em estudo, o rádio.

A fonte transmite uma mensagem através de um canal, que no processo é representado pelos meios de comunicação de massa, chegando até uma audiência, onde estão contidos os líderes de opinião, estes intitulados por Beltrão como Líderes-comunicadores. Em um processo comunicacional padrão (fonte-mensagem-canal-receptor) o fluxo pararia por aqui. Mas no processo folkcomunicacional, neste ponto inicia-se um novo ciclo no fluxo da mensagem.

Portanto configuram-se nesse contexto, grupos sociais que estão à margem desse processo comunicativo. Por exemplo, ao consideramos o público alvo do programa *Momento Presidiário* pontua-se que, os presidiários são indivíduos com dificuldade de acesso as informações. Assim como define Beltrão eles estariam classificados como um grupo urbano marginalizado.

MODELOS DE AUDIÊNCIA DA FOLKCOMUNICAÇÃO

Conforme Beltrão (1971), no modelo da Folkcomunicação, o agente comunicador é o sujeito da audiência, que intercepta os fluxos de distribuição de mensagens midiáticas e as decodifica para um nível de melhor entendimento. Nas teorias de Beltrão, são identificados modelos de audiência (usuários) de folkcomunicação, que compreendem os seguintes grupos:

- Os grupos rurais marginalizados, sobretudo devido ao seu isolacionismo geográfico, sua penúria econômica e baixo nível intelectual.
- Os grupos urbanos marginalizados, composto de indivíduos situados nos escalões inferiores da sociedade, constituído as classes subalternas, desassistidas, subinformadas e com O mínimo de condições de acesso a bens culturais e materiais.

- Os grupos culturalmente marginalizados, urbanos ou rurais, que representam contingentes de contestação a princípios, à moral ou a estrutura social vigente. Esses movimentos constituem-se em segmentos organizados que apresentam táticas de participação em sistemas alternativos de comunicação.

Os grupos rurais marginalizados caracterizam-se pela baixa renda, estão localizados em regiões mais periféricas da cidade.

> A habitação, em si, também gera doenças e incapacidade para o trabalho e para a integração/ascensão social de tais indivíduos: em geral tem um só cômodo, construindo-se um prolongamento (puxado) para o fogão e o 'quartinho', em que se banham e atendem às suas necessidades fisiológicas. A água para beber e para a serventia vem às vezes de chafarizes públicos e, de outras, de poços cavados pelos próprios moradores, sem qualquer tratamento, diariamente recolhidos em latas de querosene pelas mulheres. (BELTRÃO, 1980, p. 56).

Os grupos urbanos marginalizados têm acesso limitado aos meios de comunicação de massa, devido a sua dificuldade na decodificação as suas mensagens. Motivado pelo baixo nível educacional, pois grande parte das pessoas pertencentes a estes grupos não teve acesso a instituições de ensino.

Por outro lado, os grupos culturalmente marginalizados vão contra a organização social estabelecida, adotando uma política ou filosofia própria. Podem ser considerados tanto urbanos quanto rurais.

Os marginalizados utilizam um sistema de comunicação próprio: o da folkcomunicação, fora do (e paralelo ao) sistema de comunicação de massa. Embora, em certos casos, possa incluir canais indiretos e industrializados, o sistema de folkcomunicação é, sobretudo resultado de uma atividade artesanal do agente-comunicador.

A recepção sem este intermediário – o líder comunitário de opinião – só ocorre quando o destinatário domina seu código e sua técnica, tendo capacidade e possibilidade de usá-lo, por sua vez, em resposta ou na emissão de mensagens originais.

> A folkcomunicação adquire cada vez mais importância, pela sua natureza de instância mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, protagonizando fluxos bidirecionais e sedimentando processos de hibridação simbólica. Ela representa inegavelmente uma estratégia contra-hegemônica das classes subalternas (MARQUES DE MELO, 1980).

Esses grupos comunicadores relacionados são agentes considerados por Beltrão, que adotam técnicas folclóricas de comunicação. Dessa forma quando qualquer integrante realiza a prática comunicacional – seja por meio do rádio, ou por outro veículo – acaba que manifesta a identificação com a comunidade em que está inserido culturalmente.

É o que ocorre durante a programação do Momento Presidiário. No momento em que o programa é exibido os detentos e familiares enviam mensagem lidas ao vivo por meio de um interlocutor – o apresentador do programa. O ENCARCERADO identifica a mensagem por meio de um código de linguagem de um ente que informa, manda um recado ou informa o andamento do processo judicial.

Pode-se, concluir durante a fase inicial da pesquisa que o programa funciona como uma ferramenta de intermediação e participação da sociedade, dentro da comunidade, para o cidadão que habita os presídios. O processo comunicativo não despreza as relações interpessoais, pois estabelece a ponte entre o receptor e emissor da mensagem.

Esse processo de interação ocorre pela participação do Pasto Edmar, locutor do programa que age como um líder de opinião responsável pela interceptação entre os emissores e receptores da informação. Ele é quem recebe as mensagens dos familiares que são repassadas, ao vivo, durante a transmissão.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa empírica, sob o viés qualitativo. O objeto investigado é o programa radiofônico Momento Presidiário, suas condições de produção e mediação. Foi desenvolvida a partir da hipótese de que o programa em questão se trata de um suporte para a mediação realizada por agentes Folk.

A estruturação metodológica desta pesquisa de da por meio do estudo etnográfico, que para Geertz (1997, p. 89) "[...] compreende como um processo de interpretação que pretende, e espera-se que consiga dar conta das estruturas significantes que estão por trás e dentro do menor gesto humano."

Para o autor, a incursão etnográfica objetiva a elaboração de uma *descrição densa*, da realidade social inquirida.

Nesse sentido, o trabalho visa responder Aos seguintes questionamentos:

1. Quais elementos configuram os atores sociais responsáveis pela produção do programa Momento Presidiário como agentes da Folkcomunicação?
2. Quais são as ligações teóricas existentes na dinâmica de mediação do programa radiofônico em questão?
3. Quais os sentidos manifestados pela produção do programa radiofônico, na mediação entre os detentos e suas famílias?

Para tentar responder tais perguntas, serão utilizados como instrumentos de coleta de dados:

1. Entrevistas abertas: Tal instrumento será aplicado junto aos responsáveis pela emissão do programa, para identificar quais os sentidos predominantes na mediação comunicacional entre famílias e detentos. As entrevistas, apesar de abertas, serão organizadas conforme as seguintes unidades – questões gerais – apresentadas no roteiro, a seguir:

    a) Informações pessoais dos questionados;

    b) Trajetória: breve história de vida dos envolvidos na produção e execução do programa;

    c) Sentidos e significados sobre a mediação radiofônica: a importância do programa para emissores e receptores, na visão dos entrevistados.

2. Caderno de campo: para descrever anotações referentes à observação e fazer o apontamento fiel – para a chamada *descrição densa*, descrita por Geertz (1978) – do lócus da pesquisa, da rotina dos sujeitos dos envolvidos e como se dá o processo comunicativo.

3. Registro visual: será uma capitação por meio de fotos para descrever a estruturação composta na rádio.

A partir dos dados obtidos na investigação por meio dos instrumentos, será realizada a análise compreensiva para a elaboração do texto final do trabalho e elaboração de modelos cartográficos que possam expressar a lógica comunicativa imanente ao processo estudado.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Durante a fase inicial da pesquisa - levantamento bibliográfico e estruturação metodológica – percebeu-se que o programa *Momento Presidiário* funciona como um suporte de mediação entre a sociedade e o cidadão que habita os presídios. O processo comunicativo não despreza as relações interpessoais, pois estabelece a ponte entre o receptor e emissor da mensagem.

A priori, identificou-se que esse processo de interação ocorre pela participação do Pastor Edmar, locutor do programa que age como um líder de opinião – comunicador Folk - responsável pela intermediação entre os emissores e receptores da informação. Ele é quem recebe as mensagens dos familiares que são repassadas, ao vivo, durante a transmissão.

Estas mensagens são permeadas por sentidos e significados, elaborados e reelaborados por grupos marginalizados, que não possuem vez ou voz no palco social. Este trabalho foca-se na descrição e mapeamento da estrutura de emissão/mediação e na identificação de elementos da Folkcomunicação neste processo. Trata-se da sedimentação de um alicerce de um trabalho maior.

Nesse sentido, ao término desta investigação, espera-se dar continuidade ao estudo, dando ênfase aos demais olhares envolvidos e na investigação de elementos Folk imanentes aos sentidos e significados que orbitam a rede discursiva mediada pelo programa em questão.

Conforme Gushiken (2008),

> A midiatização das culturas em geral responde, portanto, a essa redução da cultura às práticas e aos modelos comunicacionais. Assim, as práticas comunicacionais passaram a modular a visibilidade e a difusão, e em certa medida a existência, das mais variadas manifestações culturais, incluindo as tradições folclóricas. A cultura, nesse sentido, torna-se refém da comunicação.

Nesse sentido, a cultura dos grupos envolvido no processo comunicativo do programa Momento Presidiário, sobretudo os presidiários, que por não possuírem

acessos a outros meios técnicos comunicacionais, se encontra atrelada e modulada pelo suporte radiofônico.

Suas visões e formas de representar o mundo exterior ao presídio possuem canais restritos e podem estar enviesadas ideologicamente? Tal como o Mito da Caverna de Platão, o que sabem sobre o lado de fora da caverna não será proveniente de representações sombrias que enxergam na parede? Questões interessantes para se investigar posteriormente.

Talvez este estudo, e seus desdobramentos, possam contribuir para a compreensão daqueles grupos sociais cuja relevante manifestação do fluxo discursivo – seja cultura, tradição e estratégias de resistência – seja negada, em detrimento de manifestações mais elitizadas ou mais afinadas com a dinâmica de mercado.

REFERÊNCIAS

ARANTES, A. A. **O que é Cultura Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BELTRÃO, L. **Comunicação e folclore**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

_____. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BRASIL. Lei nº 12.012 de 06 de agosto de 2009, Dispõe sobre o **Ingresso de Aparelho de Telefonia Celular em Estabelecimento pena. Presidência da república. Casa Civil.** DF. 2009. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12012.htm>. Acesso em: 08 de Jan. 2011.

BRASIL. Lei nº 7.209, de 11 de Julho de 1984. **Dispõe sobre alterações e adequações no código pena brasileiro.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/1980-1988/L7209.htm#art4> Acesso em: 08 de Jan. 2011.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: ESTRATÉGIAS PARA ENTRAR E SAIR DA PÓS-MODERNIDADE**. São Paulo: Editora USP, 1997.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis:

Vozes, 1997.

GUSHIKEN, Y. **Tecnologia sofisticada e sociedade precária na folkcomunicação brasileira.** IX Congresso Internacional da Brazilian Studies Association (Brasa). Realizado de 27 a 29 de março de 2008 na Tulane University, em New Orleans, Lousiana, EUA. Disponível em: < sitemason.vanderbilt.edu/files/dvrIIM/Gushiken%20Yuji.doc>. Acesso em: 08 de Jan. 2011.

MARQUES DE MELO, J. **Mídia e cultura popular**. São Paulo: Paulus, 2008.

SODRÉ, M. **Comunicação do grotesco, A**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

WOLF, M.. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 2001.

XAVIER, M. **Mitos: o folclore do Mestre André**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1997.